

O TEMA ALIMENTAÇÃO EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA: POR UMA ABORDAGEM DA ALIMENTAÇÃO COMO CULTURA

Por Taís Briani Felipe¹

Introdução

Existem temas que aparecem repetidamente nos livros didáticos de línguas estrangeiras, por serem considerados de importância primordial para aqueles que aprendem a nova língua. O tema alimentação é um deles, e o mesmo é apresentado muitas vezes de forma a abordar o léxico, ou seja, trabalhando listas de vocábulos pertinentes ao tema.

O que se pretende aqui é traçar um possível trabalho com o tema que vá além desse escopo, e trate do fato que “comer é sempre bem mais que comer” (GIARD, 1996, p. 267). Portanto, buscando bases nos variados fatos que permeiam essa temática. Existem as questões culturais e identitárias presentes no comer/comida/preparação de alimentos, que fazem com que este assunto seja importante no âmbito do ensino das línguas estrangeiras em geral, em especial da língua inglesa.

Alimentação é cultura

Pederson (2011), autora norte-americana que ensinou inglês em diversos países, entre eles o Brasil, propôs o tema alimentação aos alunos brasileiros de inglês através do uso de uma foto e uma frase que ela encontrou na internet, na qual os americanos descreviam os brasileiros como “All Brazilians dance samba in Carnival and drink caipirinhas with feijoada every Saturday as part of their national meal” (Todos os brasileiros dançam samba no Carnaval e bebem caipirinhas com feijoada, como parte de sua refeição nacional). Os alunos brasileiros de língua inglesa ficaram indignados com esse estereótipo que os norte-americanos fizeram do povo brasileiro. Os alunos disseram que isso retratava uma fração da população e mostrava uma imagem extremamente genérica do país.

Usando a foto (não disponibilizada pela autora do artigo) e a frase, Pederson (2011, p. 74-75) motivou os alunos a discutirem o tema de forma mais crítica. Assim, os alunos puderam avaliar e analisar como os estereótipos não são precisos, podendo, dessa forma, perceber que aquilo que se diz sobre outros povos também pode não ser tão preciso quanto parece, tanto em termos de alimentação, quanto a respeito de outros temas quaisquer.

Como mostra o exemplo da autora, a alimentação é um tema que geralmente é visto pelo lado estereotipado de um povo, como se todos fizessem a mesma coisa, e ainda, levando em consideração apenas os fatos considerados bizarros. Como exemplo disso, podemos observar a estranheza com que se reage diante do café da manhã americano e britânico, que consiste de alimentos gordurosos, tais como bacon e ovos, que não fazem parte do cardápio brasileiro em geral. O espanto dissipa-se, no entanto, quando se analisa essa refeição dentro de um contexto

¹ Mestrado em Letras; UNIOESTE; taisbriani@hotmail.com

histórico, como fez Moog (1964), que descreveu a “excelência do sistema alimentar americano” em comparação com o brasileiro. Nas palavras do autor:

Pela manhã, quando o estômago passou por um grande repouso e está deprimido, nós, brasileiros, os remediados, naturalmente, não sabemos ir além do nosso insubstancial café com leite, pão e manteiga. Ao meio-dia é que nos empanturramos no almoço, à portuguesa, num clima quente e quase todo tropical como o nosso, incapacitando-nos para trabalhos realmente produtivos às primeiras horas da tarde [...]. Mas ordem e discernimento nas refeições, só os tem mesmo o americano. Pela manhã, o *breakfast*: o suco de tomate ou de laranja, para preparar o estômago e refrescá-lo; em seguida, ovos mexidos ou fritos com presunto, algum cereal com *Milk* ou creme. Depois é que vem o café com creme, pão e manteiga. E assim fica o americano preparado para o trabalho da manhã, sem o risco de aguardar a hora do almoço [...]. (MOOG, 1964, p. 139).

De acordo com o autor, portanto, o hábito de ter um desjejum bastante farto beneficia o americano, que tem mais energia para o trabalho durante a manhã. Ao meio dia, tendo tido um café-da-manhã reforçado, ele não sente a necessidade de um almoço como temos no Brasil. O almoço em inglês chama-se *lunch*, muito parecido com o som de *lanche* em português, e com um conteúdo bastante similar também. Comem um sanduíche, uma salada leve e obviamente, alguns comem *junk food* vendida aos milhões nos restaurantes do gênero em países como a Inglaterra e USA.

O farto almoço brasileiro é criticado por Moog (1964), pois o autor crê que ele faça o trabalhador sentir-se sonolento nas horas seguintes, diminuindo a produtividade nas indústrias e no comércio, quando do desenvolvimento de seus afazeres. Em um país como os EUA, onde tempo é dinheiro, a diminuição na produtividade é algo inaceitável e por este motivo o almoço é apenas um rápido lanche.

Percebe-se, portanto, que as questões relacionadas à comida não são tão óbvias e neutras, e sim permeadas dos aspectos culturais de um povo. E “ensinar cultura não se trata de apresentar uma coletânea de fatos isolados sobre uma determinada sociedade” (SIQUEIRA, 2008, p. 190), ou seja, não basta apenas apresentar uma tabela com pratos típicos de cada país, sem a reflexão pertinente sobre isso.

Observar o tema alimentação enquanto um aspecto cultural de um povo significa ir além do óbvio. Significa discutir porque certos alimentos são tão populares em um país, e refletir sobre o que são pratos típicos: são eles realmente onipresentes na vida de um grupo étnico? Todos os brasileiros gostam e comem arroz e feijão? E se comem, porque comem?

Giard (1996) lembra que os pratos típicos de determinado país ou região são criados porque existe abundância de certo item em tal localidade. E para cada prato existe um modo de fazer inventado, que teve razões para assim ser, seja para responder a uma necessidade ou a uma lei.

Cabe também questionar: todos os norte-americanos gostam de sanduíches e têm uma dieta desregrada? O famoso café da manhã inglês, composto de bacon, ovos e outras iguarias gordurosas, é uma unanimidade no país? Nossos vizinhos sul-americanos, o que comem? E os países asiáticos e africanos, por que comem coisas que são por nós consideradas não comestíveis

como cachorros e gafanhotos? Refletir, deste modo, sobre o fato de que “nada é mais variável de um grupo humano a outro que esta noção de ser comestível” (GIARD, 1996, p. 232).

Estas são perguntas que levam à reflexão, que propiciam ao aluno ampliar seu conhecimento e seu campo de visão, observando o mundo dialeticamente. Além disso, sendo o Brasil um país multicultural e miscigenado, onde descendentes de alemães, italianos, africanos, poloneses, indígenas, japoneses e muitos outros convivem no contexto escolar; uma abordagem da heterogeneidade linguística e de fatores multiculturais levariam em conta as diferentes vozes presentes neste contexto. Diferentes famílias, dependendo de sua ascendência ou seus costumes próprios, têm hábitos diversos no que diz respeito à alimentação. Completar uma tabela com dados do que é típico na comunidade de cada aluno pode levá-lo a compreender que as culturas não são imóveis e únicas, que variam, que são construídas, assim como a identidade daqueles que vivem em cada comunidade.

Woodward (2000) diz que “a cozinha é o meio universal pelo qual a natureza é transformada em cultura”, além de ser “uma linguagem por meio da qual *falamos* sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo” (WOODWARD, 2000, p. 42, grifos da autora). Deste modo, a alimentação não pode deixar de ser estudada como tema importante para a percepção da cultura dos povos, pois, “aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos”, sendo que “[...] a comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias” (WOODWARD, 2000, p. 42). Portanto, o tema alimentação não está desvinculado de questões socioculturais e identitárias.

Isso se dá, entre outros motivos, pelo fato de que “comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo” (GIARD, 1996, p. 250).

O tema alimentação pode ser um ponto de partida para a observação das culturas enquanto processo pluricultural, que não cabe a uma singularização da língua de uma dada sociedade, pois assim como existem diversas comunidades que formam um povo, existem diversas culturas dentro daquilo que se quer chamar uma cultura nacional.

Referências Bibliográficas

- GIARD, Luce. Cozinhar. In: _____; CERTEAU, Michel; MAYOL, Pierre. Trad: Ephraim Alves e Lucia Orth. *A invenção do cotidiano: 2. Morar e cozinhar*. Petrópolis-RJ; Vozes, 1996.
- MOOG, Viana. *Bandeirantes e Pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966
- PEDERSON, Margaret. English as a língua franca, World Englishes and cultural awareness in the classroom: a North American perspective. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles (orgs). *Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Campinas, SP: Pontes, 2011.
- SIQUEIRA, Sávio. O ensino de inglês como língua internacional no Brasil e o lugar da cultura. In: ASSIS-PETERSON, Ana Antônia (Org.). *Línguas estrangeiras: para além do método*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2008, p. 165- 195.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos sociais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

Recebido em janeiro de 2012.
Aceito em maio 2012.